

CABULANDO AULA
NA GARAGEM dos
ÔNIBUS

UMA AVENTURA FANTÁSTICA DE
RENATO FREITAS

Copyright © 2018 por Renato Freitas

Revisão: Camila Meurer Jandrey

Capa: Marcus Pallas

Diagramação: Vivian Hernandez Alamo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

F866c Freitas, Renato.
Cabulando aula na garagem dos ônibus / Renato Freitas. – São Paulo (SP): Editora Delphi, 2018.
192 p. : 14 x 21 cm

ISBN 978-85-92715-04-5

1. Literatura infantojuvenil. I. Título.

CDD 028.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

*À minha família, principalmente minha irmã, minha mãe e meu pai.
À equipe da editora Delphi, que me ajudou a tornar este livro
possível.
E a todos os leitores que conheceram e leram meus textos pela
internet.*

Ônibus

Em uma cidade de tamanho mediano, havia um ônibus cheio de jovens com idade entre nove e catorze anos. Não estavam com uma expressão visivelmente alegre, uma vez que iam para a escola em um dia de segunda-feira, e, a verdade seja dita, poucos são os jovens que gostam de ir à escola. Poucos são os jovens que gostam de assistir a aula e estudar, ainda mais em início de semana.

Dentre os poucos indivíduos que gostam de frequentar a escola, havia um sentado nas últimas cadeiras do veículo. Um garoto de cabelos negros bem penteados, com uma pele bem caucasiana e olhos castanho-claros. Como a escola não possui uniforme escolar, apenas exige que os alunos usem roupas adequadas para a ocasião, esse garoto trajava uma camisa branca com um desenho de algo que lembra uma ampulheta amarela, uma calça jeans azul e tênis de cor preta. Ele sorria como se estivesse indo para o cinema, ou ao teatro ou a qualquer outro lugar que não a escola. Não que ele seja um daqueles CDFs que se matam de estudar, muito menos um gênio que tira notas boas em todas as matérias sem fazer muito es-

forço; na verdade, ele sempre faz questão de adotar uma personalidade otimista. Ele pode não ser muito bom em matérias como Matemática, Física, Química ou mesmo Biologia, mas, quando o assunto é Artes, ele costuma se destacar. Faz desenhos maravilhosos ao estilo realista, é ótimo em pintura a óleo, aprende a tocar qualquer instrumento musical com facilidade e tem talento nas Artes Cênicas. Mas como são raras as vezes em que ele demonstra seus talentos, todos o enxergam como um garoto bobo e desajeitado.

Ao lado dele, estavam sentados outros três jovens, todos grandes amigos do personagem citado. Primeiramente, tem-se uma garota de cabelos escuros, compridos, presos apenas por uma presilha adequada a eles, nada muito elaborado. Sua pele é cor de oliva e seus olhos são castanho-escuros, quase negros. Ela usava uma camisa simplória púrpura, uma calça jeans preta e tênis igualmente pretos. Ela é do tipo de pessoa que odeia com todas as forças ter responsabilidades; por isso, sua expressão facial não era das melhores naquela ocasião. É uma garota carnívora ao extremo, sem muito respeito por assuntos ecológicos, de “pavio curto” e muito brigona. Por ser tão brigona, ela acabou desenvolvendo uma força física além da imaginação humana. Dizem que ela é capaz de levantar dois micro-ônibus vazios com as próprias mãos.

Temos, ainda, uma dupla de amigos composta por dois garotos. O primeiro é um garoto careca de pele caucasiana, bem mais alto do que a maioria de mesma idade. Seus olhos são de cor azul, usava uma simplória camisa verde claro, calças cor verde e tênis igualmente verdes. De acordo com ele, essas roupas lembram a natureza, e ele gosta muito da natureza; dessa forma, adota uma dieta cem por cento vegetariana. Pode não ser o aluno mais inteligente da escola, mas é bastante esforçado nos estudos e dificilmente tira uma nota baixa em uma prova. Costuma andar ao lado de seu fiel companheiro, o segundo garoto da nossa dupla. Ele tem cabelos pretos estilo rastafári, pele escura e olhos castanhos. Usa uma camisa cuja parte superior é de cor azul marinho e a parte inferior é de cor vermelha, um jeans azul escuro e tênis pretos. Ele conhece o garoto careca desde os três anos de idade e faz questão de apoiar o amigo em tudo. É relativamente medroso e grande fã de trens.

Esses são os quatro personagens centrais da trama e eles estão prestes a protagonizar uma grande aventura. Mas, antes, permitam que o narrador apresente os nomes dos nossos heróis. O garoto sorridente chama-se Lorenzo Lombello, a garota brigona é Helena Guimarães, o garoto careca é Lucas Monteiro e o garoto de cabelo rastafári é Urbano Lopes. Como dito ante-

riormente, os quatro jovens de treze anos estavam sentados na parte de trás do ônibus e eis que Helena decidiu reclamar:

– E lá vamos nós para mais um dia chato, na escola chata, assistir a umas aulas extremamente chatas!

– Não veja por esse lado, Helena! – disse Lorenzo. – Sei que esse dia terá várias atividades maravilhosas!

– Em dia de segunda-feira, os dois primeiros horários são de Matemática, seguido de outros dois horários de Geografia. Após o intervalo temos uma aula de Biologia e para finalizar a aula de Artes. Só tem coisa que eu detesto! – disse Helena.

– Até pode ter coisas que você detesta – opinou Lucas –, mas lembre-se que a Matemática, por exemplo, é importantíssima para o nosso dia a dia. É graças a ela que os prédios são construídos.

– É mesmo, Lucas! Minha casa, por exemplo, foi toda feita com a tabuada do nove! – ironizou Helena.

– Devo concordar que segunda-feira é um dia bem chatinho – disse Urbano. – As aulas de Geografia são de dar sono.

– Pelo menos o dia termina com as aulas de Artes! – lembrou Lorenzo. – Lembram da semana passada, quando apresentamos nossos trabalhos de pintura a óleo?

Helena se lembrava daquele fatídico dia como se fosse ontem. Tão logo a aula de Artes começara, a professora Genaide, uma senhora idosa que gosta de usar vestidos floridos e que é responsável pelas aulas de Artes no Fundamental, pediu aos alunos para mostrarem seus respectivos trabalhos. De uma em uma, ela analisara as pinturas a óleo até chegar a vez dos quatro protagonistas. Tanto na vez de Lucas quanto na vez de Urbano, a avaliação dela fora a mesma:

– Bom trabalho, meninos! Embora tenham cometido uns erros aqui e ali, vocês ganharam nota sete.

Como nessa escola “sete” é a nota mínima para passar em qualquer matéria, os dois ficaram satisfeitos. Logo em seguida, Lorenzo apresentara seu trabalho:

– Bem, professora Genaide, aqui está meu trabalho. Não ficou tão bom quanto imaginava mas...

– Não ficou tão bom? Seu trabalho está perfeito! É esplêndido, uma verdadeira obra de arte! Meus parabéns, Lorenzo, outro dez em seu boletim!

– Puxa, professora, muito obrigado – agradecera Lorenzo humildemente.

Por fim, a professora Genaide havia analisado o trabalho da última aluna:

– Muito bem, Helena, mostre-me seu trabalho!

Com uma cara de poucos amigos, ela apresentara sua pintura para a professora, que se espantara tal e qual Dante ao ver Lúcifer. Tentando segurar seu descontentamento, a professora havia tentado explicar:

– Helena, esse seu trabalho é, é... Eu nem sei o que dizer! Esse sapato, por exemplo, está todo torto e...

– É uma árvore! – respondera Helena.

Bem, acreditamos que o leitor já tenha uma noção do que acontecera em seguida, então voltemos à nossa história, com os quatro personagens sentados na parte de trás do ônibus, ainda aguardando pelo destino final. Enquanto Helena lembrava aquele dia odioso, Lucas comentou com Lorenzo:

– Ainda não entendo por que você se livrou daquela pintura! Você podia ficar famoso com aquilo!

– Lucas, se tem uma coisa que eu entendo sobre arte é a criatividade! – disse Lorenzo. – Porque a Arte é a expressão da criatividade humana, não uma forma de inflar o ego.

– Cara, ainda acho que você fez besteira ao se livrar daquela pintura – opinou Urbano.

– Ao menos o Lorenzo está tranquilo na matéria de Artes – disse Helena. – Minha nota foi tão horrível que terei que fazer um trabalho hercúleo para a recuperar!

— Helena, você sempre precisa se esforçar para recuperar suas notas na escola! — Lorenzo tentou animar Helena. — Além disso, tenho certeza que com fé e esperança você pode fazer qualquer coisa!

— Se forem as mesmas fé e esperança que fez nossa escola perder as finais dos jogos escolares, então pode esquecer! — comentou Helena.

Por alguns instantes, os quatro amigos aquietaram-se e esperaram pelos poucos minutos que restavam para chegarem à escola. De repente, Helena, ao olhar alguns ônibus circulando pela janela, disse:

— Ei, vocês já notaram que esses ônibus vivem circulando por aí, sem parar? Tipo, esses motoristas e cobradores não são máquinas, eles precisam parar uma hora ou outra. E, em relação ao combustível, esses ônibus não precisam abastecer?

— Helena, aonde você quer chegar com isso? — questionou Lucas.

A garota fez um sinal com a mão, indicando que iria cochichar. Os garotos posicionaram suas cabeças para ouvirem o que Helena tinha a dizer, e se surpreenderam com as seguintes palavras:

— Que tal se, em vez de desembarcarmos na escola como sempre fazemos, nós permanecermos no ônibus até o fim!?

– Quer que a gente cabule au... – Lucas ia berrar quando Helena tapou a boca dele com a mão.

Os passageiros do veículo e o cobrador, que estava entretido com seu jornal, viraram suas cabeças em direção à parte traseira do ônibus, onde estavam localizados os quatro. Um minuto depois, todos voltaram a fazer suas respectivas atividades rotineiras. Destampando a boca de Lucas e com um tom de voz bem baixo, Helena repreendeu o careca:

– ‘Tá doido!? ‘Tá querendo ferrar com a gente!?

– Você é que ‘tá querendo ferrar com a gente! – cochichou Lucas. – Não se pode simplesmente cabular aula! Se nossos pais descobrem, ficamos de castigos por um mês ou dois.

– Ninguém aqui ‘tá falando em cabular aula, seu palerma! – respondeu Helena, ainda cochichando. – Só quero saber para onde os ônibus vão depois de passarem por todos os pontos da cidade.

– E não dá para fazer isso outro dia? – perguntou Lucas. – A gente tem que ir para a escola!

– O Lucas tem razão, Helena – concordou Urbano. – Temos que ir pra escola aprender coisas importantes para a vida.

– Nossa, verdade, Urbano! – ironizou Helena. – É importante que eu aprenda produtos notáveis, caso eu precise descobrir para onde os ônibus vão depois de rodar a cidade inteira!

– Você pode até reclamar que as matérias da escola são inúteis para sua vida! – disse Lucas. – Mas saiba que cabular aula é a pior coisa que existe! Você faz isso uma vez, depois faz de novo e de novo até acabar que nem o Haroldo!

– Acho que Lucas tem razão dessa vez, Helena – disse Lorenzo. – Não quero lavar as latrinas da escola.

– Calma aí, todos vocês! – ordenou Helena. – Ninguém aqui ‘tá querendo abandonar a escola nem nada! É só para saber aonde esses ônibus vão, só isso! E é só hoje. Amanhã podemos voltar a frequentar a escola!

– Mas hoje tem aula de Artes – lamentou Lorenzo.

– Não te preocupa, garanto que vai ser muito divertido! – disse Helena.

– Eu ainda acho que isso é uma péssima ideia! – insistiu Lucas.

– Beleza, vá frequentar sua escola! – retrucou Helena.
– Daí você vai crescer, se casar, ter filho, ter netos, daí eles vão perguntar: “Vovô, o que você fazia quando criança?” E então você responderá: “Meus netos, quando mais jovem eu

frequentava a escola todos os dias!” E por fim os netos dirão: “Só isso, vovô!? Você nunca fez nada legal, como descobrir para onde os ônibus vão!? Mas que sem graça, vovô!”

– Pode parar por aí! – Lucas mandou.

– É o quê!? Não ‘tô ouvindo nada, vovozão! – debochou Helena.

– Olha...

– A propósito, se lembrou de tomar o remedinho hoje!?

– Ok, eu vou com vocês descobrir para onde esses ônibus vão! Mas que saco!

E então Helena comemorou enquanto Urbano cochichava para Lucas:

– Lucas, tem certeza disso? Vai mesmo cabular aula?

– Se for necessário todos nós nos ferrarmos para que essa delinquente juvenil aprenda uma lição de moral na vida, então que assim seja! – justificou Lucas.

– Se você for se ferrar, então eu vou junto! – disse Urbano.

– Bom saber que posso contar com você, velho amigo.

Naquele instante, o ônibus finalmente chegou ao seu destino. As portas se abriram e os jovens desembarcaram. Helena fez um sinal com as mãos, pedindo para que o grupo se abaixasse e se escondesse atrás dos assentos. Tão logo os alu-

nos saíram do veículo, o motorista perguntou para o cobrador se todos já haviam descido. O cobrador, que estava lendo o jornal, apenas olhou para trás e ergueu o polegar para cima. Com isso, o motorista disse:

– Bem, acho que já podemos ir para a garagem!

Lá atrás, abaixado e escondido junto ao seus amigos, Lorenzo se questionou:

– Garagem?

– Acho que é o lugar para onde os ônibus vão! – respondeu Helena. – Agora quieto que o plano ‘tá dando certo!

E assim o ônibus se afastou da escola e seguiu o percurso em linha reta, com velocidade constante de 60 km/h. Minutos depois, o veículo se aproximou do portão da garagem, mas havia um contratempo. O portão estava fechado e o motorista não estava desacelerando, muito pelo contrário: aumentou a velocidade para 80 km/h e dirigiu direto para o portão. Você, leitor, deve facilmente deduzir que teremos um acidente de trânsito aqui. Pois bem, quem levantou essa hipótese está redondamente enganado. Em vez de colidir com o portão como manda a Física, o ônibus simplesmente o atravessou como se fosse um fantasma.